

O Concelho de Castanheira de Pera

Não é apenas a grandeza da paisagem o que nos impressiona em Castanheira de Pera. É também a história que nos transporta até 1787, ano em que Júlio Pereira de Castro, Neveiro-Mor do Rei, fez erguer no Alto da Serra a Ermida de Santo António da Neve.

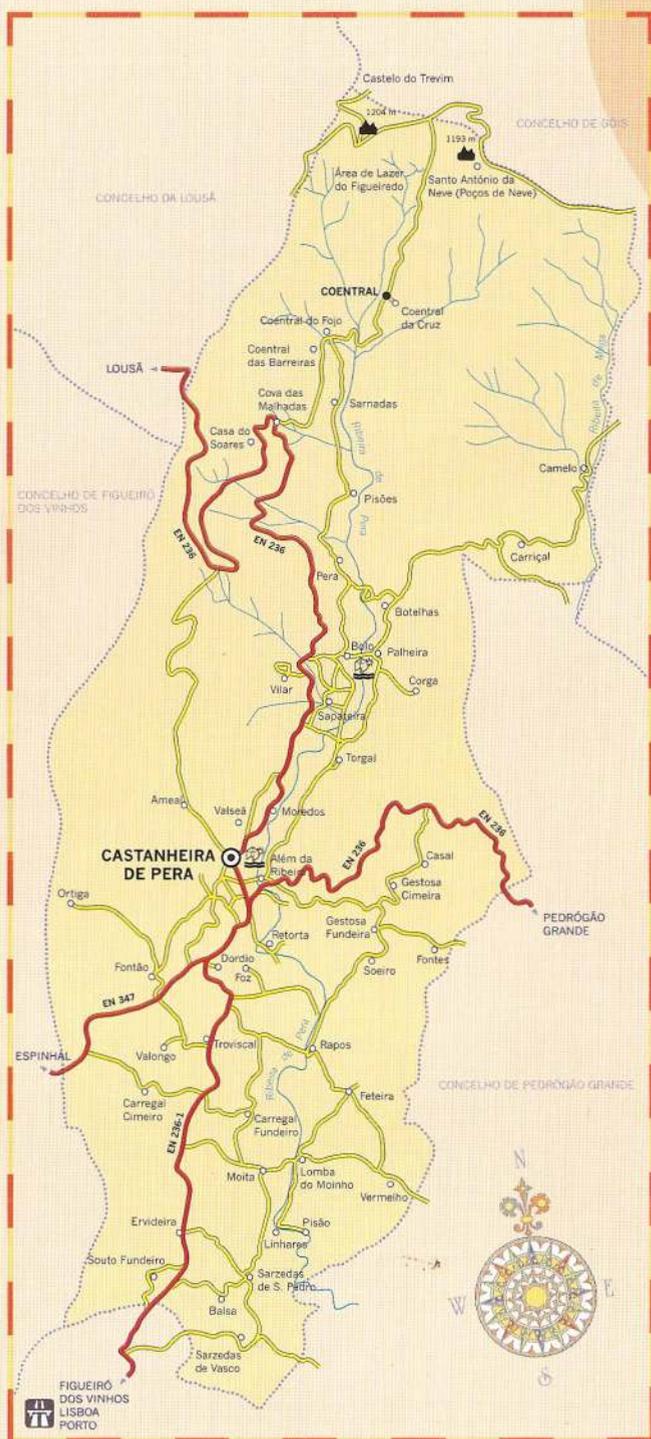
Dos sete Poços do Neveiro Real, velhos de dois séculos, de construção robusta e planta circular ou octogonal, três resistem firmes ao correr do tempo, junto da secular Ermida.

Ao tempo da sua construção, tiveram os poços grande importância: recolhiam a neve que pela fresca da noite, em carros de bois, descia da serra até ao Rio Tejo, de onde partia para abastecer a Corte em Lisboa.

O Vale de Ribeira de Pera, constitui uma outra referência significativa para a vida e história do concelho. Testemunha a presença da indústria de lanifícios, de grande pujança na segunda metade do século XIX.

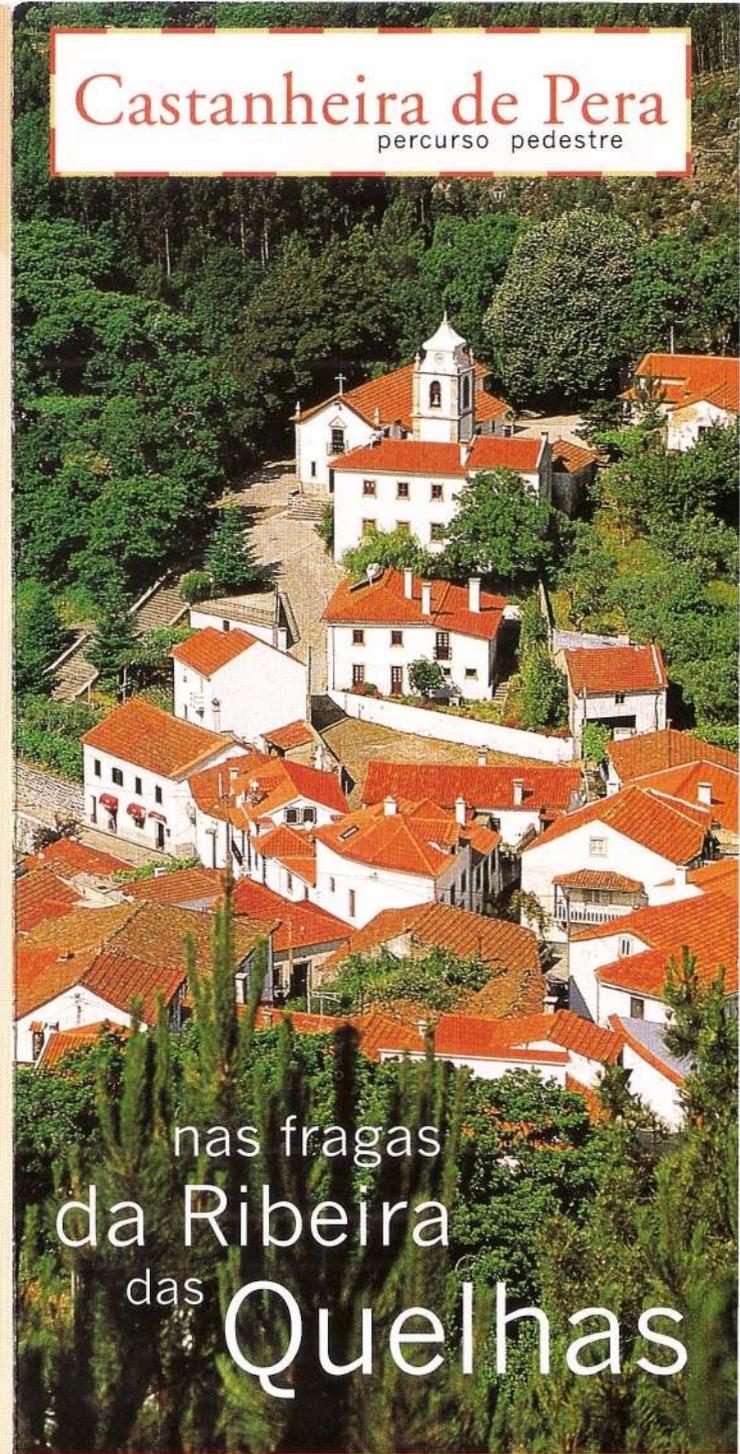
São conhecidas muitas referências a esse desenvolvimento, em especial a fábrica de António Alves Bebiano, então considerada uma das de mais nomeada no país; tinha duas rodas hidráulicas, construídas no Porto "e de força de 35 a 40 cavalos aproximadamente, e aplicada a muitas e diferentes machinas de cardar e fiar, perchas, pisões cylindricos, lavadeiras, tesouras, escova, aveludadeira, encarruladeira, torcedor, etc, tudo pelo sistema mais moderno e aperfeiçoado, assim como um sortido de cardar, produzindo 100 mechas e uma fiação fixa, cujo trabalho é muito apreciável".

Durante muitos anos a lã volteou nas máquinas. Hoje - voltas que o mundo dá! -, dos tempos de prosperidade ainda resiste uma fábrica, única que no país produz os tradicionais barretes de campino tecidos a vermelho e verde, as cores da nossa bandeira.



Castanheira de Pera

percurso pedestre



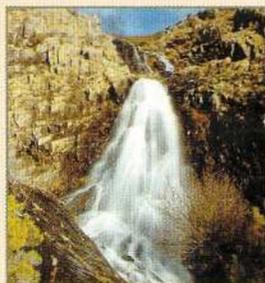
nas fragas
da Ribeira
das
Quelhas



As Cascatas das Quelhas

etapa 2

Seguindo a ribeira, poderá até saltitar de uma para outra margem, conforme lhe parecer o melhor caminho até começar a avistar as belas cascatas que se vão despenhando estrondosamente, formando pequenos lagos de água cristalina, que convidam a banhos privilegiados e recatados.



etapa 3 As Fragas das Quelhas

Após passarmos a cascata mais alta, observamos um paredão de pedra granítica. É altura de começar a subir as fragas em direcção ao norte. Podemos observar pequenos núcleos de vegetação que milagrosamente ali sobrevivem. Segundo o ponto de vista botânico este é um local único porque, lado a lado, encontramos, a quase 1000 metros de altitude e penduradas nas paredes rochosas, seculares e imponentes exemplares consociados de azevinho e azinheira.



Extensão: 4 Km - Circular. Com início e término no Coentral.

Grau de Dificuldade: Elevado

Recomendações: Não é aconselhável percorrê-lo individualmente.

Duração: 3 horas. Indicado para dia inteiro, dados os muitos motivos para estadias contemplativas e desfrute da diversidade enriquecedora dos diversos locais.

Destinatários: Na sua totalidade para idades entre os 14 e 60 anos. Nos troços mais próximos do Coentral e até ao Vale Silveira com ida e volta pela levada de água, a partir dos 4 anos.

Períodos Recomendados: Todo o ano. No Inverno pela maior espectacularidade das linhas de água e das magníficas quedas de água.

No Verão pela particularidade de se poderem incluir uns banhos retemperadores.

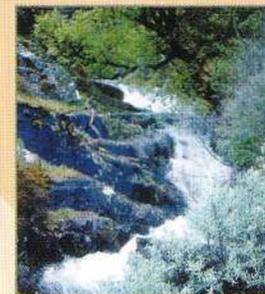
Quanto à paisagem, todas as estações têm os seus particulares e óbvios pontos fortes. Dos azevinhos de cores fortes e dos cumes da serra com neve no Inverno, aos coloridos multifacetados do Outono.

etapa 7 A Aldeia do Coentral

Estamos de volta à bonita aldeia do Coentral, onde nos podemos demorar nas vielas intrincadas e descobrir os encantos da sua arquitectura serrana.

A Caminho do Coentral

etapa 6



Após saboreada a presença no Vale Silveira, é tempo de voltar para o Coentral, não sem antes, apreciarmos as belas cascatas da Ribeira de Coentral Grande. Seguimos então por um caminho que nos levará até ao Coentral, rodeado por castanheiros, carvalhos e salgueiros, entre outras espécies.



etapa 5 O Vale Silveira



Passando pela levada de água, que em tempos desempenhava um papel importante na agricultura de subsistência, chegamos a uma ponte de madeira que nos indica que estamos no Vale Silveira, local de uma rara beleza, enriquecido por uma vegetação luxuriante, dominada por castanheiros, constituindo um souto, num espaço relativamente plano, ladeado de água e muros em pedra tosca.